



A Santa Sé

PAPA PAULO VI

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 10 de Março de 1971

O preceito do amor: orientação fundamental da vida cristã

Para nós, que contemplamos a cena humana com extremo interesse — o interesse do Pastor, o interesse do responsável, o interesse do guia, o interesse do amor —, observar para onde vão os homens, para onde se dirigem, a que tendem e onde chegam, constitui sempre um facto de suma importância.

Vemos, no mundo contemporâneo, que todos correm. Vemos que a actividade humana adquiriu uma aceleração impressionante. A acção ocupa o primeiro lugar, entre todas as realizações humanas. O que hoje conta é fazer, fazer! O programa comum é mover-se, mudar, produzir e gozar! A intensidade da acção é o parâmetro para apreciar o valor de uma pessoa, uma sociedade, um instrumento ou qualquer sistema organizado. A energia ocupa o primeiro lugar entre as coisas que se podem desejar. Por conseguinte, a potência, a velocidade, a novidade e a revolução constituem o principal objecto das apreciações correntes.

O curso dos acontecimentos alimenta a atenção comum. A opinião pública procura a excitação contínua e traumática dos factos em sucessão ininterrupta. A psicologia dos homens está voltada para o futuro imediato. A esperança de realidades grandiosas e imprevistas enche os sonhos de uma ficção científica que deixa entrever formas imaginárias e hiperbólicas da vida de amanhã. Mas a incerteza, o medo e a angústia também dominam os espíritos, porque, na realidade, não se sabe aonde a humanidade irá parar, ameaçada, como está, pelo poder da sua capacidade de destruição e pelo secreto desespero que, pensando bem, trazemos no coração.

O homem corre, mas, como um gigante cego. Não sabe, com precisão, aonde vai. A actividade

tornou-se fim de si mesma. É verdade que se organiza, que se aperfeiçoa e que se encanta consigo mesma. Mas, de facto, não sabe encontrar a razão de si.

Cria uma civilização. Mas, depois, entra em contestação consigo mesma, tornando-se inquieta e furiosa. Gostaria de subverter tudo e de se destruir. Falta-lhe qualquer coisa essencial. A acção libertou-se de toda a espécie de coibição. A lei exterior foi reduzida ao mínimo, para conservar uma ordem convencional e operativa. A liberdade de agir e de operar segundo o próprio arbítrio é a norma preferida, porque é a abolição de uma norma extrínseca vinculante. É a perfeição, a plenitude humana, o antropocentrismo, o personalismo, que, finalmente, parecem justificar todo o sistema operativo alcançado. A consciência continuará a ser a única sede de juízo, a única responsabilidade. Mas esta palavra mágica e terrível, « responsabilidade », destrói o encanto do sistema subjectivo, porque exige o elemento que falta, exige o dever, o fim, o fim transcendente da acção, exige a mola da vontade livre, o conceito e a existência do Bem (cfr. Santo Tomás, *Summa Theologiae*, I e II, q. 1, a. 1), que, afinal de contas, é Deus.

Nós julgamos que a actividade humana, hoje tão intensa, tão complexa, tão avançada, pode gerar em si perturbações e desordens, porque lhe falta alguma coisa de essencial, que é o fim, o centro, o porquê do seu contínuo movimento; falta-lhe a nota autêntica que torna a acção verdadeiramente humana, ou seja, a moralidade, o conhecimento do dever, o conhecimento do bem, o conhecimento do verdadeiro fim. Dizer humano é o mesmo que dizer moral (cfr. *Summa Theologiae*, I e II, q. 1, a. 3). O homem moderno fez grandes progressos no conhecimento dos meios; permanece, porém, incerto no conhecimento dos fins; e como este se relaciona essencialmente com a religião, o consequente processo de desintegração do pensamento religioso e da vida gerou confusão na consciência e na actividade humana.

Deus é o eixo da vida humana, da vida humana guiada pelo sentido moral, porque tem razão de fim; e a causa final, como diz muito bem S. Tomás de Aquino, é primária entre todas (cfr. *Summa Theologiae*, I e II, q. 1, a. 2). Por isso, é sumamente importante que este eixo seja determinado no campo da nossa actividade, determinado segundo a verdadeira rectidão que torna a vida do homem boa, perfeita e feliz.

É necessário rectificar a orientação da nossa vida. É esta a advertência que constitui o prólogo da salvação: « Preparai os caminhos do Senhor» (*Jo* 1, 23); e que se torna oportuno, não só para este tempo litúrgico que precede a Páscoa, mas também para a planificação mental de toda a nossa vida operativa. É fácil a percebermo-nos se temos esta rectidão, ou se a orientação da nossa existência está errada, dirigindo a nós mesmos, no íntimo do coração, estas simples mas significativas perguntas:

O que mais desejo na minha vida? O que mais influi nas minhas opções? O que considero mais importante? Para onde está dirigido o meu principal amor? Qual é o critério que tem mais influência na minha consciência? O que é mais urgente para mim? Qual é o preceito fundamental

da minha vida? Podemos dizer com certa analogia: qual é a direcção indicada pela bússola da minha viagem no tempo?

E podemos repeti-lo com uma expressão bíblica, que a Liturgia torna actual neste tempo litúrgico: a *metanoia*, isto é, a rectificação da nossa própria mentalidade segundo a verdadeira e indispensável interpretação da vida, a salvação, para onde me conduz?

É preciso não se deixar arrastar pelo turbilhão babélico do mundo que nos circunda; é preciso propor-se um ponto de referência, um pólo directivo, um sentido (ou seja, um significado e uma orientação) para a vida, a fim de que esta seja verdadeiramente humana e cristã.

Jesus, o Mestre, admoesta: « Amarás a Deus com todo o teu coração, acima de tudo: amarás o próximo como a ti mesmo » (*Mt 22, 37-39*).

Esta, também e principalmente para o nosso tempo, constitui a boa orientação, ou melhor, a única orientação boa. Que cada um a faça própria!

Damo-vos a nossa Bênção Apostólica.